

## **GT6: NARRATIVAS DE VIDAS: SABERES, SENTIDOS E EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO**

### **OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS DURANTE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA**

Maria Damiana Silva Sousa  
URCA - UDMV  
damiannasilva94@gmail.com

Profª. Ma. Paula Perin (Orientadora)  
URCA- UDMV  
paula.perin@hotmail.com

#### **RESUMO**

O presente trabalho se propõe analisar a prática pedagógica em dois momentos: inicialmente pelo relato pessoal, através do qual conto minha experiência de alfabetização, relacionando aos métodos de alfabetização principalmente aos métodos sintéticos utilizados na minha trajetória pelas letras, e em seguida pela análise de textos produzidos pelos alunos em fase de aquisição da leitura e da escrita, a partir dos quais refletimos sobre erros comuns na escrita inicial como a escrita espontânea e as relações entre fala e escrita. Erros estes que são desprezados pelos os professores a partir do uso dos métodos tradicionais, sem cogitar de que os alunos aprendem fazendo hipóteses sobre a língua. Os objetivos desta pesquisa é analisar brevemente o processo de alfabetização e os elementos que compõe essa fase como os métodos de alfabetização, já que se sabe que o ensino da leitura e da escrita nessa fase consiste basicamente nesses métodos, bem como a influência desses no papel do professor e do aluno no processo de aquisição da leitura e da escrita. Para embalsar os estudos, foram utilizadas as ideias de Frade (2005), Cagliari (2009), Luna e Silva (2013) entre outros teóricos que nos forneceram aprofundamentos pertinentes sobre os métodos de alfabetização e sobre o controle que estes possuem no ensino da leitura e da escrita. Concluímos com essa pesquisa que a alfabetização ainda consiste nos métodos alfabetizadores tradicionais, e que estes não oferecem um conhecimento efetivo da escrita e do seu uso social. Esse fato explica-se pela rigidez das metodologias adotadas pelos professores que não variam e atualizam os métodos de ensino e ainda insistem em não colocar o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Desse modo, o professor ainda controla o processo de ensino da leitura e da escrita julgando os erros dos alunos a partir dos métodos tradicionais, sem utilizar estes erros como elementos construtivos e sem levar em consideração o processo cognitivo do aluno e suas habilidades para a aquisição da escrita.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Métodos de alfabetização. Aquisição de leitura e da escrita.

#### **1 INTRODUÇÃO**

A alfabetização é um dos momentos mais especiais da educação escolar, pois é nessa fase que os alunos tomam contato com as letras e aprende a decodificá-las. Acredita-se que as práticas de leitura e de escrita são aprimoradas durante esse processo.

Durante a Disciplina de Princípios Linguísticos para a Alfabetização, foi-nos solicitado escrever um artigo voltado a fim de estudar essa etapa da educação escolar. Foi usado como base de análise minha experiência de alfabetização e algumas amostras de produções textuais de alunos em fase de aquisição da leitura e da escrita.

Diante disso, objetivamos a partir dessa pesquisa analisar a alfabetização em dois momentos distintos: a partir de um relato pessoal de alfabetização e de textos produzidos pelos alunos em fase inicial de leitura e escrita, bem como refletir sobre influência dos métodos de alfabetização, já que se sabe que o ensino da leitura e da escrita nessa fase consiste basicamente nesses métodos.

Desse modo, para fundamentar o trabalho acerca da alfabetização e dos métodos de alfabetização, utilizamos considerações de Cagliari (2009), Frade (2005), Luna e Silva (2013) entre outros teóricos. Também usamos dados obtidos através da pesquisa (auto)biográfica, em que narro minha experiência de alfabetização, e de textos produzidos pelos alunos em fase de aquisição da leitura e da escrita.

Busca-se com esse trabalho proporcionar aos professores uma reflexão sobre suas práticas de alfabetização, a fim de possam fazer uso de diferentes métodos, a fim de que a aquisição da leitura de fato se efetive nessa fase da vida.

## **2 MINHA TRAJETÓRIA PELO UNIVERSO DAS LETRAS**

A minha alfabetização ocorreu na escola da zona rural do município de Milagres, Ceará. A maioria das aulas era no período da manhã, sempre fui uma aluna assídua e raramente perdia uma aula.

A escola não possuía uma boa infraestrutura. Lembro-me de que havia aulas na biblioteca e no pátio. Os materiais didáticos eram raros, os professores utilizavam mais a lousa e folhas brancas espalhadas por toda a sala com letras e desenhos. Também improvisavam bonecos para contar histórias de livros infantis, dentre elas a de Chapeuzinho Vermelho.

No pré-escolar lembro-me de que aprendi a escrever as vogais e algumas letras do alfabeto, mas só na primeira série comecei a rabiscar algumas palavras. Nas séries iniciais, as aulas consistiam em copiar as letras do alfabeto maiúsculas e minúsculas e as vogais retiradas

de textos dos livrinhos, que continham um desenho correspondendo cada letra do alfabeto e um pequeno texto com a letra repetida várias vezes. A leitura era mais usada pela professora, que nos contava histórias e pedia para falarmos dos personagens e de suas ações.

A leitura sempre me causou curiosidade, mas aprendi muito devagar a ler, pois a professora nos ensinou a ler juntando sílabas. Durante cada semana, ela trabalhava uma família silábica seguindo a ordem do alfabeto. O ensino consistia na decodificação principalmente em juntar consoantes e vogais para formar palavras.

O ensino por decodificação, minha base de aprendizagem da leitura e da escrita, trata-se de método de alfabetização tradicional, classificado como um método sintético. Os métodos sintéticos consistem na análise das partes mínimas da língua, como as letras, os fonemas, as sílabas. De acordo com Luna e Silva (2013), esse grupo prioriza as relações existentes entre o som e as letras, ou seja, a parte fonológica, e apresenta como característica principal a decodificação. O ensino a partir desse grupo consiste na repetição para se chegar a memorização. Fazem parte dos métodos sintéticos o método alfabético, o método fônico e o método silábico.

O método alfabético tem como elemento principal o alfabeto. Segundo Frade (2005), este método consiste na memorização de todas as letras do alfabeto para, em seguida, juntar essas letras e formar as sílabas e posteriormente as palavras. Para se chegar a ler as palavras, os alunos devem combinar as letras soletrando o nome de cada uma, como exemplo: “be-o-bo, ele-a-la = bola”. Desse modo, é complicado para os alunos abstrair os sons que não correspondia à sílaba. Ainda segundo a autora, esse método demorava muito porque as atividades eram repetitivas e sem sentido para os alunos.

Usando também uma parte mínima da língua e o procedimento de memorização, o método fônico tem como unidade de análise os fonemas, possui como elemento principal o som, busca relacionar a palavra falada à escrita. De acordo com Luna e Silva (2013), além do nome das letras seus fonemas, é necessário que os alunos memorizem todos os fonemas das letras para só depois juntar os sons e formar as sílabas. Para a memorização dos fonemas, era considerado um grau de dificuldade. Por essa razão, o ensino se inicia pelas letras mais simples, depois as complexas.

Inicialmente, são apresentadas as vogais, por haver uma semelhança do nome ao fonema. Posteriormente, mostram-se consoantes que são de fácil pronúncia e regulares como F, J, M, N, V, e Z. Dando prosseguimento, são ensinadas as consoantes de fácil pronúncia, mas que são irregulares, como L, S, R, e X. Após o aprendizado das consoantes facilmente pronunciáveis, são introduzidas as consoantes consideradas de emissão sonora mais difícil, como B, C, P, D,

T, G e Q. Por fim, os alunos aprendem o som da letra H e somente depois as letras K, W e Y. (LUNA, SILVA, 2013, p. 22).

O ensino da escrita a partir do método fônico também ocorre em um processo exaustivo. Como vimos, era necessário memorizar todos os fonemas das letras do alfabeto para só depois combinar os sons e ler as palavras. Entre os principais problemas desse método, segundo Frade (2005), está a variação dialetal, pois as palavras apresentam pronúncias diferentes e a escrita continua a mesma e o fato de uma letra apresentar vários fonemas diferentes na palavra. Desse modo, a relação entre a palavra falada e escrita são raramente correspondentes.

Outro método de caráter sintético é o método silábico. Nesse método, o principal elemento é a sílaba, que consiste em estudar as sílabas retiradas de palavras-chave e depois serem descompostas para formar novas palavras. Geralmente, inicia o ensino pelas vogais e os encontros vocálicos (FRADE, 2005). Nesse método, como nos outros, a decodificação é predominante. As atividades consistem em memorizar as famílias silábicas através de atividades repetitivas. A autora pontua uma vantagem nesse método, devido ao fato de que falamos sílabas e não sons isolados. Sendo assim, tal aspecto facilita a aprendizagem da escrita. As desvantagens desse método, segundo Frade (2005), pauta-se no julgamento das sílabas mais fáceis e mais complexas pelos professores sem levar em consideração o conhecimento prévio e o entendimento dos alunos e na artificialidade dos textos geralmente são desvinculados do uso social, e por isso muitas vezes podem não fazer sentido para os alunos.

De um modo geral, os métodos sintéticos que consiste no estudo das unidades menores da língua. Estes oferecem uma rápida memorização pelos alunos, mas a aprendizagem não é satisfatória, porque esses métodos priorizam somente a parte fonológica e a decodificação. São métodos exaustivos e o conhecimento produzindo é apenas mecânico, pois deixa de lado o sentido dos textos e o uso social da escrita. Todos esses desdobramentos dos métodos sintéticos, alfabético, silábico e fônico fizeram parte da minha alfabetização.

Em contrapartida aos métodos sintéticos, existem os métodos chamados analíticos. Estes já não fizeram parte no meu processo de alfabetização. Os métodos analíticos seguem uma lógica inversa a dos métodos sintáticos: analisa-se primeiro as partes maiores para depois partir para as menores, ou seja, o ensino parte do texto, das frases e de palavras inteiras para depois serem fragmentadas em sílabas e posteriormente em letras. Esses métodos não tem como foco a memorização de letras, fonemas e sílabas, mas a linguagem em uso e o conhecimento global do aluno.

Os métodos analíticos agrupam-se em: Método de Palavração, Método de Sentenciação, Método Global de Contos, Método Natural e Método de Imersão. Todos esses, como já dissemos, enfoca a linguagem como um todo e propõe um ensino em que a aprendizagem dos alunos tenha como ponto de partida o conhecimento prévio deles.

Enfim, fui alfabetizada a partir dos métodos tradicionais, métodos que põe o professor no ensino como detentor de todo o conhecimento. A alfabetização acontece por meio de exercícios repetitivos, visando o acúmulo de informações e a memorização dos conteúdos pelos alunos, estes não participando ativamente do processo de alfabetização.

Faz aproximadamente 15 anos que fui alfabetizada. É, de certo modo, “curioso e preocupante” observar uma aula de alfabetização de alunos em fase de aquisição da leitura e da escrita e perceber que o processo de alfabetização ainda ocorre tão somente pelos métodos tradicionais e que os erros da criança não são utilizados como elementos construtivos da aprendizagem.

## **2.1 Observação em campo**

Observamos uma aula de produção textual em uma turma em fase de alfabetização. Pelo que pudemos observar, o uso dos métodos de alfabetização sintéticos (ou tradicionais) ainda prevalece nas salas de aula dos anos iniciais de escolarização.

Na aula, a professora explicou o conteúdo do texto e depois apresentou algumas explicações para que os alunos escrevessem um texto sobre uma festa de aniversário surpresa que seria preparada pelos amigos. Entre essas explicações, apresentou algumas dicas para que os alunos não fugissem do tema. A esses textos, seria atribuída uma nota referente ao 4º Bimestre letivo.

Os alunos sentiram muita dificuldade na produção do texto, solicitando o auxílio da professora por diversas vezes na carteira. Os textos produzidos pelos alunos eram para completar a nota do IV bimestre.

Ao término das produções textuais dos alunos, solicitei à professora a cópia de alguns textos. Estes serviram de análise para acompanhar como a escrita da criança se desenvolve e quais princípios regem os “erros” cometidos pelos alunos durante a fase de aquisição da escrita.

Foi interessante verificar que, em alguns textos, a escrita era composta de rabiscos e um emaranhado de letras aleatórias tendo significado somente para o aluno. Sobre esse aspecto, Cagliari afirma:

Num primeiro momento a criança pequena tenta escrever fazendo rabiscos, em geral pequenos, e misturando linhas retas e curvas. Nem sempre faz o rabisco e depois interpreta; as vezes tenta escrever algo que pensou. O resultado é uma escrita cifrada cujo significado só o autor conhece. É interessante perguntar à criança o que quer dizer o seu escrito e anotar as respostas, para poder acompanhar o seu desenvolvimento (CAGLIARI, 2009, p. 104).

Podemos inferir, de acordo com as ideias do autor, que os alunos conhecem a escrita, no entanto ainda não desenvolveu a grafia correta. Nesse momento, a criança ainda está criando hipóteses acerca da ortografia das palavras. Cada criança tem um tempo para desenvolver a prática da escrita, assim cabe ao professor procurar entender o desenvolvimento da escrita dos seus alunos e facilitar que eles adquiram a escrita a partir de seus erros em consonância com a forma ortográfica das palavras.

Sobre os desvios ortográficos cometidos pelos alunos, de acordo com Cagliari (2009), na fase de alfabetização, os alunos tendem a produzir textos espontâneos, mas dada a rigidez dos métodos alfabéticos, os professores costumam considerar somente o erro da criança, não permitindo possibilidades de se usar a língua de acordo com que a criança já sabe.

O incentivo da escrita espontânea produzida pelos alunos lembra aspectos do método natural e do método de imersão, métodos do grupo analítico que levam em consideração o conhecimento global do aluno na aprendizagem da escrita. Segundo Frade (2005), o método natural consiste em os alunos escrever textos com as palavras que eles já conhecem. Como complemento à escrita, os alunos geralmente fazem para facilitar a leitura. Já o método de imersão, de acordo com a autora, segue um procedimento parecido. Consiste em usar as práticas de leitura e de escrita em situações de uso sem muita diretividade, os alunos aprendem de forma natural.

Seguindo com a ideia da escrita espontânea, etapa mal compreendida na alfabetização, é importante ressaltar que os “erros” cometidos pelas crianças servem de crítica pelos professores. No entanto, na perspectiva construtivista Ferreiro e Teberosky (*apud* LUNA; SILVA, 2013), os erros devem ser encarados como construtivos, pois há uma lógica por trás do erro. A criança que usa “z” no lugar de “s” na palavra “casa”, escrevendo “caza”, por exemplo, demonstra já ter um conhecimento de que o som /z/ é representado pelo grafema “z”, o que ele ainda não aprendeu é que existem diferentes grafemas que representam esse fonema. Neste sentido,

O educador precisa compreender e analisar os erros de seus alunos e enxergá-los como um auxílio à sua prática docente, no processo de alfabetização, visto que os

“erros construtivos” podem servir de ponto de partida para identificar os saberes já existentes, de seus alunos, assim como os que ainda precisam ser internalizados. (LUNA, SILVA, 2013, p. 31).

Um outro aspecto muito comum encontrado na produção dos alunos e considerado pela escola como “erro”, foram as marcas da oralidade, fato comum no desenvolvimento da escrita. Como sabemos, os alunos criam hipóteses acerca da escrita e por isso escrevem de acordo como ouve ou pronuncia as palavras. Eles ainda não têm a percepção de que a língua falada não corresponde exatamente à língua escrita. Diante disso, cabe ao docente demonstrar que a fala apresenta variedades e que a escrita é mais estável. Desse modo,

A escola naturalmente deve fazer os alunos verem que eles falam não de uma única maneira, mas de várias, segundo os dialetos de cada um, e que, se todos escrevessem as palavras como falam, usando das possibilidades do sistema de escrita como quisessem haveria uma confusão muito grande quanto à forma de grafar as palavras, e isso dificultaria em muito a leitura entre falantes de tantos dialetos. (CAGLIARI, 2009, p. 27)

O ensino de língua materna, principalmente durante a fase de alfabetização, leva em consideração prioritariamente o ensino da escrita ortográfica, não abrindo possibilidades para o uso efetivo da língua nas suas modalidades falada e escrita. Neste sentido, é urgente que os professores de língua materna leve em consideração também o uso de métodos analíticos durante a alfabetização, a fim de que a criança possa exercer um conhecimento mais amplo acerca da sua língua e, desde cedo, possa se inserir nas práticas de leitura e escrita da sociedade letrada.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como vimos ao longo deste estudo, o ensino da leitura e da escrita ainda se ancora nos métodos tradicionais de alfabetização. Independente da época, o professor alfabetiza do mesmo modo, através desses métodos que estimulam principalmente a decodificação e a memorização.

Tais métodos não oferecem aos alunos possibilidades de aprender com seus erros, já que os conteúdos a partir desses métodos são prontos e resumidos, favorecendo principalmente ao professor que domina todo o processo de aprendizagem.

Sabemos que o processo de alfabetização é complexo, por isso o professor deve fazer uso dos mais diversos métodos de alfabetização para ensinar aos seus alunos a leitura e a escrita, pois cada aluno tem um modo de aprender.

Portanto, concluimos o uso tão somente dos métodos de alfabetização tradicionais não garantem um conhecimento efetivo do uso social da leitura e da escrita. Neste sentido, é urgente que o professor amplie seu conhecimento teórico-prático, a fim de que os alunos nessa fase escolar, desde já, sejam, de fato, inseridos na sociedade letrada.

## REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

FRADE, Isabel Cristina. **Métodos e didáticas de alfabetização**: história, características e modos de fazer de professores. Caderno do formador. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

LUNA, Franciele da Silva; SILVA Ruth Andre. **Psicogênese da Língua Escrita**: o processo de ensino e aprendizagem de alfabetização no 1º ano do ensino fundamental. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56174.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.